

DE SEUL A PEQUIM: AS MEDALHAS OLÍMPICAS QUE O BRASIL NÃO CONQUISTOU ESTÃO FAZENDO FALTA?

Prof. Dr. José Luis Simões¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir as Olimpíadas como movimento político, cultural e esportivo. O recorte para análise se pauta nos últimos seis eventos olímpicos, ou seja, de 1988 a 2008. A necessidade de fazer um balanço do movimento olímpico norteou e inspirou a elaboração deste texto que, mais do que relato dos resultados obtidos pelos países que se destacaram nesses eventos esportivos, questiona a “imprescindibilidade” de que ações políticas e recursos públicos sejam revertidos em medalhas olímpicas para o Brasil.

Palavras-chaves: *Olimpíadas, Política, Economia.*

Olimpíadas da Era Moderna: "O importante é competir" ?

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna se iniciaram em 1896, na cidade de Atenas, sob forte articulação e iniciativa do educador francês Pierre de Frédy, ou mais popularmente conhecido como barão de Coubertain (1863-1937). Assaz simpático pelo comportamento dos gregos antigos, o barão de Coubertain organizou uma reunião em 1894 envolvendo representantes de nove países para expor seu plano de reeditar as Olimpíadas, que haviam sido extintas no final do século IV.

Na primeira Olimpíada da Era Moderna o atletismo destacou-se como esporte principal, doze provas foram realizadas e um primeiro ídolo surge entre os atletas, o maratonista grego Spyridon Louis, que foi ovacionado por espectadores quando de seu êxito na competição. As Olimpíadas inauguram esse processo de construção de ídolos, arquétipos de homens e corpos humanos que buscam superar seus limites físicos e fisiológicos, conseqüentemente, recompensados e reconhecidos pelos seus feitos. Se o ideal olímpico sintetizado na frase “o importante é competir” é válido para esse novo momento na história do esporte, a emergência do mercado de consumo esportivo e o crescimento desse mesmo mercado autoriza pensarmos que, para a realização do “ideal olímpico”, mais importante do que competir é vencer a competição, acumular poder e prestígio em relação aos adversários e sob atentos olhares alheios.

Uma das evidências de que a reedição das Olimpíadas perpetra um momento de nítida transição nas relações sociais – particularmente nas relações de gênero – foi a presença feminina nas competições. A presença das mulheres em provas olímpicas foi crescendo paulatinamente. Aliás, algumas mulheres perpetuaram-se historicamente como musas ou heroínas em diversas edições das Olimpíadas. Isso aconteceu com a ginasta russa Olga Korbut, que foi consagrada a musa de Munique, em 1972, conquistando três medalhas de ouro; além desta, a romena Nádía Comaneci, na olimpíada de Montreal, em 1976, recebeu a primeira nota dez de ginástica na história das Olimpíadas e conquistou cinco medalhas (três de ouro, uma de prata e outra de bronze). Feitos individuais como os desempenhos dessas atletas acabam por influir decisivamente na classificação dos países em termos de conquista de medalhas olímpicas, temática que motivou esta reflexão.

¹ Universidade Federal de Pernambuco

Em 1988, os Jogos Olímpicos de Seul tiveram 159 países participantes, com 8.391 atletas, sendo 6.197 homens e 2.194 mulheres. Foram vinte e nove esportes disputados e dez países estreantes. Como esporte de demonstração, Seul acolheu beisebol, boliche, taekwondo, badminton, judô para mulheres e corrida de cadeira de rodas. As mascotes das Olimpíadas foram os tigres Hodori e Hosuni que, muito rapidamente se tornaram mercadorias de brinquedo e colocados à venda, em suma, “reificados”, para utilizar expressão cara aos marxistas.

Como destaques dos jogos figuraram Carl Lewis, Rosa Mota, Bem Johnson e Aurélio Miguel. Assim resumimos em números e sintetizamos alguns acontecimentos das Olimpíadas de Seul. Uma das curiosidades dos resultados de Seul que fortalecem as idéias aqui apresentadas trata-se do caso do atleta canadense Bem Johnson que, embora tenha figurado como protagonista dos jogos conquistando medalha de ouro nos 100 metros rasos do atletismo com quebra do recorde mundial teve sua premiação cassada após evidências de uso de doping. Para a sanha desse atleta canadense, competir era apenas o meio, pois, a finalidade última da competição assentava-se na vitória.

Mesmo que brevemente, é útil nesta análise situar os Jogos Olímpicos de Seul no contexto social da década de oitenta, que foi um período histórico de definição para os países comunistas. Em 1985, Mikhail Gorbachev implantou na União Soviética a “Perestroika”, reestruturando a política soviética, pois, sensível à derrocada do sistema socialista, percebeu que deveria desocupar o Afeganistão, negociar a redução de armamento com os Estados Unidos e não interferir noutros países comunistas. Em 1989 cai o muro de Berlim. A União Soviética paulatinamente se dissolve enquanto sistema político e economia comunista durante a década de oitenta; o capitalismo e a democracia se mostram mais eficazes, flexíveis e fortes enquanto opção econômica e política.

Entretanto, os comunistas deixaram um legado de sucesso em termos de conquistas olímpicas, pois, enquanto regozijavam-se como força mundial do ponto de vista político, econômico e bélico, a disciplina dos atletas soviéticos traduziu-se em centenas de pódios olímpicos. Mas, como o próprio Karl Marx havia advertido, *tudo o que é sólido desmancha no ar*. Assim aconteceu com a União Soviética, fragmentada em diversos Estados-nacionais, página virada na história recente.

As Olimpíadas seguem essa dinâmica econômica e política mundial, ou seja, quando determinado país vive momentos de glória e bonança na economia e na política, os resultados esportivos carregam certa correlação. Mas esta afirmativa deve ser observada sob perspectiva histórica de longo prazo, porque quando analisamos neste texto o desempenho brasileiro nos últimos vinte anos podemos concluir que as mudanças econômicas e políticas que estão em curso no país têm modesta conexão com os resultados olímpicos do Brasil.

De todo modo, pobreza econômica e pouca expressão política mundial são variáveis que atuam na determinação dos tímidos desempenhos de países que participam dos Jogos Olímpicos, legitimando e ratificando o poder e o *status* esportivo dos países mais ricos e influentes. A corrida Olímpica, traduzida na busca por medalhas e reconhecimento midiático, é evidência do inconsciente consciente coletivo que ocidentais e orientais aprenderam a produzir, a sanha em querer ganhar sempre, se auto-representar com etnocentrismo arraigado na mente e nos músculos. A busca da hegemonia econômica e política é algo provisório, e pode cegar nações e povos, como vimos na Segunda Guerra Mundial, com os alemães de um lado; de outro, quase todo resto do mundo.

Em 1988, a União Soviética ainda destacou-se como primeira colocada no quadro geral de medalhas, com cinquenta e cinco medalhas de ouro, trinta e uma de

prata e quarenta e seis de bronze, totalizando cento e trinta e duas medalhas. Na olimpíada seguinte, Barcelona/1992, a ex-União Soviética, reunida em nações independentes (CEI - Confederação dos Estados Independentes), manteve o primeiro lugar na colocação geral, contudo, teve vinte medalhas a menos do que em 1988, ou seja, cento e doze medalhas (quarenta e cinco de ouro, trinta e oito de prata e vinte e nove de bronze). Os Estados Unidos ficaram em segundo lugar, com cento e oito medalhas (trinta e sete de ouro, trinta e quatro de prata e trinta e sete de bronze).

Enquanto a derrocada do desempenho dos países comunistas nas Olimpíadas se apresentava em curso, os americanos viram crescer catorze medalhas das Olimpíadas de 1988 para 1992, afinal, em Seul os Estados Unidos conquistaram noventa e quatro medalhas, ficando em terceira posição na classificação geral. O *sonho americano* de buscar identidade nacional a partir dos melhores exemplos em cada área da atividade humana dá um passo à frente na corrida pelo ouro olímpico, o desenfreado desejo de impor-se não apenas como nação próspera, mas, como melhor que as demais.

É desejável analisar aqui o processo. De todo modo, de uma Olimpíada para outra podemos ter análise ofuscada por paixões ou imediatismos de percepção sociológica, pois, configura-se num tempo curto, então, sujeito a irrupções e mudanças que não significam o que de fato acontece quando analisamos um processo de longo prazo. Nesse sentido, a sociologia na perspectiva de Norbert Elias é referência que justifica grande parte desta análise.²

Se analisarmos desde a primeira Olimpíada da Era Moderna, no limiar do século XX, constataremos o crescimento do movimento olímpico, a relação entre competição pela hegemonia política e necessidade de justificar a força política nacional em medalhas olímpicas, o processo de inserção dos países de terceiro mundo entre as delegações de atletas, além dos modestos resultados destes últimos nas competições e premiações.

Em suma, sem dinheiro, investimento político e ciência, não se produz atletas de alto nível, atletas olímpicos. De maneira pragmática, a luta pelo poder se insere em todas as esferas da vida social. Por intermédio dos resultados olímpicos, as nações mais fortes do ponto de vista econômico se legitimam como potências, diferenciando-se da maioria dos países pobres ou empobrecidos, dependentes e de pouca expressão política internacional.

É assim que a história dos resultados das competições em Olimpíadas se mostra como indicador peculiar da economia e da política dos países hegemônicos. Assim, a condição humana, se pensarmos com Norbert Elias³, é construída a partir dos mais poderosos, ou seja, de cima para baixo, todavia, num interminável processo de interação, pressão e interdependências sociais.

A necessidade permanente de buscar auto-afirmação de determinada identidade nacional, legitimando poder político e econômico através de medalhas conquistadas por atletas que são construídos em laboratórios de fisiologia, criteriosamente selecionados a partir do biótipo físico-estrutural, alimentados sob supervisão de especialistas em nutrição humana, tratados como máquinas de resultados e racionalmente instruídos a vencer sempre, compõem características específicas da política esportiva dos países mais ricos que, certamente, podem melhor estruturar a formação de seus campeões. Michael Phelps⁴, por exemplo, encarna e personifica o ideal americano do homem próspero, não apenas um campeão entre outros, mas, “o grande campeão”.

² Cf. ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Braga: Edições 70, 1980.

³ Cf. ELIAS, Norbert. **A Condição Humana**. São Paulo: Difel, 2000.

⁴ Nadador americano, recordista mundial nas olimpíadas de Atenas/2004 e Pequim/2008. Nesta última Olimpíada, Michael Phelps, além de quebrar alguns de seus próprios recordes mundiais nas piscinas,

Como ilustração do ideal americano, personificado e consolidado na atuação do exímio nadador, Michael Phelps ganhou mais medalhas de ouro com sua participação em duas olimpíadas (2004 e 2008) do que os seguintes países em todas suas respectivas participações nos Jogos Olímpicos: Peru (16 participações), Venezuela (16 participações), Armênia (04 participações), Israel (14 participações), (13 participações), Síria (11 participações), Equador (12 participações), Hong Kong (14 participações), Luxemburgo (21 participações), Panamá (15 participações), Moçambique (08 participações), Suriname (11 participações), Bahrein (7 participações).

Mais do que um atleta talentoso, o nadador americano Phelps encarna, no universo esportivo, a evidência do potencial de poder americano no contexto social hodierno. E é prudente utilizar o termo “hodierno”, pois, a dinâmica das relações de poder se altera cotidianamente. Sem perceber participamos dessa dinâmica de relações de poder que, justas ou injustas, são cambiantes como ondas incontroláveis que podem colocar à deriva grupos de indivíduos e nações.

O lugar do Brasil no pódio olímpico

Em Seul, o Brasil ficou na vigésima quarta colocação no quadro geral de medalhas, somando ao todo seis medalhas (uma medalha de ouro, duas de prata e três de bronze). O Brasil foi o primeiro colocado entre os países sul-americanos, seguido pela Argentina, que conquistou duas medalhas (uma de prata e outra de bronze). Aliás, na maioria das Olimpíadas disputadas até os dias de hoje, o desempenho dos países sul-americanos fica bem abaixo do desempenho brasileiro, ou seja, somos os melhores entre os piores no espectro esportivo mundial. Se observarmos o total de medalhas conquistadas em todas as edições dos Jogos Olímpicos, o Brasil alcança a trigésima nona colocação no quadro geral de medalhas (17 medalhas de ouro, 21 de prata e 38 de bronze), ficando atrás do Quênia, mas, na frente de todos os demais países sul-americanos.⁵

Evidentemente, a posição à frente do Quênia em relação ao Brasil no quadro de medalhas olímpicas em 1988 não se deve ao espectro esportivo geral do país africano, mas, em função do sucesso dos corredores fundistas quenianos, que dominam as corridas de fundo no atletismo, porém, tal sucesso não se estende para outras modalidades esportivas. Em suma, o equilíbrio em termos de bom desempenho em todas as provas que compõem as Olimpíadas é fundamental para destacar a força esportiva de um país, algo que só os países mais ricos e desenvolvidos alcançam, ou seja, Estados Unidos e Canadá nas Américas, além de Rússia, China e alguns países europeus.

Faz-se necessário destacar que, coincidência ou não, o Brasil também figura como país líder na economia e política sul-americana e isto é um argumento favorável à tese que liga sucesso econômico e liderança política a resultados olímpicos. É interessante esse argumento, ou seja, a necessidade que determinadas nações constroem na direção de se legitimarem enquanto países poderosos, os “vencedores”. Todavia, não é a tese que defendemos aqui. Aliás, não há preocupação premente na defesa de tese ou idéias, mas, no entendimento desse fenômeno sociológico esportivo, ou seja, as conexões entre desempenho olímpico, tradição esportiva, economia e política.

alcançou um feito histórico do ponto de vista da história do esporte moderno conquistando oito medalhas de ouro numa única olimpíada.

⁵Cf. <http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/quadro-de-medalhas-dos-jogos-olimpicos.htm>, acesso em 20/08/2008.

Em 1992, o Brasil oscilou para baixo no rendimento olímpico, porque conquistou apenas três medalhas, duas de ouro e uma de prata, ficando como vigésimo quinto colocado. Entretanto, pensando historicamente, essa oscilação negativa foi pontual, pois, o Brasil paulatinamente vem crescendo nas competições olímpicas, embora figure ainda muito aquém das performances dos europeus e americanos. Na verdade, não há uma forte política do Estado brasileiro para formação de atletas de alto nível.

Apesar dessa lacuna, nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, a delegação brasileira ampliou sua conquista para quinze medalhas (três de ouro, três de prata e nove de bronze), ficando na vigésima quinta posição no quadro geral de medalhas. Em Sydney, no ano 2000, o Brasil conquista mais doze medalhas (seis de prata e seis de bronze), figurando como quinquagésimo terceiro colocado no quadro geral de medalhas, afinal, não conquistou nenhuma medalha de ouro, o que prejudicou sua classificação final.

Em Atenas, nas Olimpíadas 2004, o Brasil volta a crescer como país emergente no esporte, conquistando dez medalhas (cinco de ouro, duas de prata e três de bronze) ficando na décima sexta colocação geral. Em 2008, nas Olimpíadas de Pequim, a delegação brasileira conquista quinze medalhas (três de ouro, quatro de prata e oito de bronze), e fica na vigésima terceira colocação. Embora tenha investido mais recursos nas Olimpíadas 2008 do que em 2004, o resultado imediato não se traduziu em mais medalhas, ao contrário, o desempenho dos atletas brasileiros foi aquém daquilo que muitos críticos do esporte esperavam. Em suma, a análise do crescimento no desempenho olímpico do Brasil fica ofuscada quando nos concentramos em curto período de tempo, afinal, vinte anos é espaço de tempo curto para grandes mudanças estruturais, políticas e econômicas no seio de um país tão diverso como é o Brasil, embora tenhamos experimentado o sabor de algumas modificações recentes.

Uma reportagem publicada no site do UOL, em 25/08/2008, com o título *“Investimento recorde não se traduz em medalhas de ouro para o Brasil na China”*, discute o crescimento de dispêndio de recursos para o esporte profissional no Brasil em contraposição à diminuição de títulos olímpicos. De acordo com a matéria jornalística, *“para Atenas-2004, cerca de R\$ 90 milhões foram investidos no esporte, contra R\$ 160 milhões injetados entre 2005 e 2008”*.⁶ Nessa reportagem, Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), rejeita a ligação imediata entre investimento e medalhas, numa atitude política de tentar minimizar as críticas pela tímida participação do Brasil nos pódios de Pequim-2008. Clarividente, a posição do presidente do COB é uma posição política, de justificativa pelo malogro dos resultados obtidos pelos atletas brasileiros.

A ligação entre investimentos e medalhas deve ser analisada sob perspectiva processual. Na verdade, há poucos centros de preparação de atletas profissionais no Brasil, ademais, grande parte das modalidades esportivas são praticadas com elevado grau de amadorismo, na mendicância das verbas públicas, além dos esforços de atletas individuais localizados, um movimento nacional não-planejado, incipiente e sem expressão mundial na avassaladora maioria dos esportes.

Hegemonia no esporte: é o caminho que o Brasil deve seguir?

É uma questão difícil de responder. Ademais, a resposta à questão colocada acima varia de acordo com o receptor. Se nos dirigimos aos militantes do esporte, atletas profissionais, associações esportivas etc., a resposta tende a ser positiva. Para

⁶ cf. <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/reportagens-especiais/ult6174u76.jhtm>, acesso em 25/08/2008.

outros setores sociais tal questão pode ser inaudível ou indiferente. Em suma, a posição social, o interesse pessoal e de grupo delinea a resposta. Na condição política e econômica de país emergente, o Brasil começa a ter que enfrentar essa questão, ou seja, esporte é investimento ou gasto público, e até onde queremos ir com nossos atletas de alto nível? Por quê? Massificar o esporte ou elitizá-lo enquanto prática cultural, qual o caminho a seguir?

Por maior que sejam os problemas estruturais e econômicos, é compreensivo que qualquer nação do planeta se empenhe em ter como representantes os melhores e mais preparados atletas, conquistando medalhas em Jogos Olímpicos, assistindo o esplendor de sua bandeira nacional subir diante das câmeras de televisão, o hino nacional soar aos ouvidos atentos da comunidade internacional, o pódio como representação da vitória, do sucesso esportivo e do fortalecimento da idéia de pertencimento a um grupo social diferenciado. O símbolo de uma determinada nação grandiosa também se traduz no sucesso dos seus atletas, fortalecendo a tese da nação mais desenvolvida, mais forte e estabelecida social e culturalmente.

Expressão do poder político e econômico de uma nação, assim parece se anunciar as vitórias em competições olímpicas. Busca do Poder, esse é o foco de todos. O Poder é, ao mesmo tempo, conceito sociológico e político, objeto de investigação das ciências humanas e sociais, e também “mercadoria” que interessa a líderes políticos e grupos socialmente mais abastados. Em suma, as Olimpíadas também servem para mensurar o peso de cada nação na balança de poder planetária.

Entrementes, é fundamental perguntarmo-nos qual deve ser o propósito do esporte e dos Jogos Olímpicos. Nas Olimpíadas da Era Antiga, o objetivo era preparar o cidadão-soldado para a guerra. Na Era Moderna, a guerra se complexifica. As Olimpíadas servem como vitrine mercadológica, mais do que isso, como legitimação de ideologias políticas e justificação de hegemonia econômica.

O conagraçamento entre atletas e nações, a globalização idealizada a partir de uma perspectiva propositiva, engajada no estímulo de valores aristotélicos como coragem, honra, honestidade, amizade e temperança deveria ser o marco na produção e atuação dos atletas olímpicos. Contudo, valores humanos e espírito solidário não conquistam medalhas, patrocínios e recursos no mundo onde o capitalismo como modelo econômico se sobrepôs em relação a outros modelos de funcionamento macroeconômico. E não se trata de uma crítica acrítica ao modo de produção capitalista, pois, entendemos que o modelo socialista também não funcionou como projeto social e político, embora a antiga URSS tenha conquistado muitas medalhas procurando justificar seu modelo social e político à custa da repressão às liberdades individuais, enrijecidos numa crença ideológica que, além de oprimir idéias e a criticidade humana, caiu com o muro de Berlim.

Ganhar uma prova em competição olímpica é, na maioria das vezes, o apogeu na carreira do atleta profissional, de qualquer lugar do mundo. Entretanto, é preciso refletir sobre o propósito social dessa busca desenfreada pela vitória, o dispêndio de recursos públicos para formação de atletas em países onde muitos passam fome, como é o caso do Brasil, onde o pódio real para muitos brasileiros é encontrar a xepa do fim de feira, evidenciando o malogro da maioria das famílias do país, pobres, sem oportunidades de trabalho, colocação social e perspectivas.

O debate está colocado. Não há como priorizar o esporte de elite, ou esporte de alto rendimento no Brasil, afinal, o poder político tem mazelas sociais mais urgentes. Na democracia brasileira, o esporte é uma área social de baixa demanda, que ainda não se expressou como prioridade para as massas eleitoras. Assim, observadores políticos atentos não defendem a inclusão de políticas públicas para o esporte de rendimento

como prioridades em planos de gestão da administração pública. O reclame popular no Brasil de hoje está mais para investimentos em saúde pública para os milhões de adoentados e oportunidades de emprego para os adultos, tendo a escola como caminho de preparação dos jovens para o mercado de trabalho. Assim, o esporte de alto rendimento não está na ordem do dia em termos de investimento por meio de financiamento público, apesar de se ter investido mais nos últimos anos. Os milhões gastos com o esporte de rendimento acabam por onerar áreas mais urgentes, como saúde, educação, habitação, saneamento e transporte público. Em suma, estamos longe de produzir atletas de alto nível, então, pragmaticamente analisando, não é um dos principais focos das políticas públicas no Estado brasileiro.

Para os militantes do esporte, atletas profissionais e agentes do esporte de rendimento, o esporte enquanto prática social é um reclame permanente, a falta de interesse político pela temática e a precariedade de recursos públicos sempre serão justificativas para tímidos resultados de atletas brasileiros em competições de alto rendimento. Mas, e daí?

Apesar da situação de emergente do ponto de vista econômico, o Brasil deve se perguntar sobre a relevância social de termos atletas olímpicos extremamente competitivos, conquistando medalhas e destaque mundial, e, ao mesmo tempo, assistirmos, *bestializados*, o Estatuto da Criança e do Adolescente ser diariamente descumprido, a falta de saneamento básico uma rotina nas grandes cidades, a insegurança reinando em morros e favelas cariocas e o Recife como capital das palafitas e dos homicídios consumados.

A pobreza ainda é um retrato nítido do Brasil, apesar do paulatino enriquecimento do país. Hoje, vivemos uma situação inédita, para não dizer irônica: sobram escolas, mas, faltam cadeias. É urgente a construção de mais cadeias, o abrigo do pobre marginal, ou do ladrão semi-alfabetizado que se torna “atleta profissional”, e, mesmo sem patrocínio oficial, escala o urbano e corre da polícia, vencendo obstáculos e barreiras na realização de sua sina: a criminalidade como alternativa de inclusão ao mercado de consumo.

Referências Bibliográficas

BASTOS, J. P. *Desporto profissional*. Lisboa: MEC/Desporto, 1987.

BROHM, J. M. Las funciones ideológicas del deporte capitalista. In: *Materiales de Sociología del Deporte*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993.

CARDOSO, M. *O arquivo das Olimpíadas*. São Paulo: Panda Books, 2000.

CAGIGAL, J. M. *Obras selectas*. Madrid: Comité Olímpico Español, 1996.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *Jogos Olímpicos. Histórico e participação do Brasil*. Rio de Janeiro, 1977.

COUBERTIN, P. *Memorias olimpicas*. Lausanne: International Olympic Committee, 1989.

Da COSTA, L. P. *O Olimpismo e o equilíbrio do homem*. In: O. Tavares & L. P. Da Costa (Eds.) *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Braga: Edições 70, 1980.

ELIAS, Norbert. *A Condição Humana*. São Paulo: Difel, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

MARX, K. *Capítulo VI inédito de O Capital*. São Paulo: Editora Moraes, 1985.

VALENTE, E. F. Notas para uma crítica do Olimpismo. In: O. Tavares & L. P. Da Costa (Eds.) *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

Sites acessados

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=210>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/quadro-de-medalhas-dos-jogos-olimpicos.htm>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-verao-1988-seul.htm>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-verao-1992-barcelona.htm>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-verao-1996-atlanta.htm>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-verao-2000-sydney.htm>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-verao-2004-atenas.htm>

<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-pequim-2008/index.htm>